

A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
OTOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	1000
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	1000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO e REDACÇÃO
115 Rua de Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 22 de Agosto de 1895

N. 16

CIGARRAS

A CIGARRA

E' talvez cedo para adiantar aos leitores alguma coisa sobre uma sorpresa que lhes queremos fazer... Mas *A Cigarra* é um animal estupendamente indiscreto... Imaginem que, quando for inaugurada a estatua de José de Alencar, cuja execução foi confiada ao nosso grande Rodolpho Bernardelli...

Já estão suppondo que daremos a reproducção da estatua, o retrato de Alencar e de Bernardelli... Pois sim!... Esperem e verão! A cousa é outra. Por ora... tratemos de outra cousa.



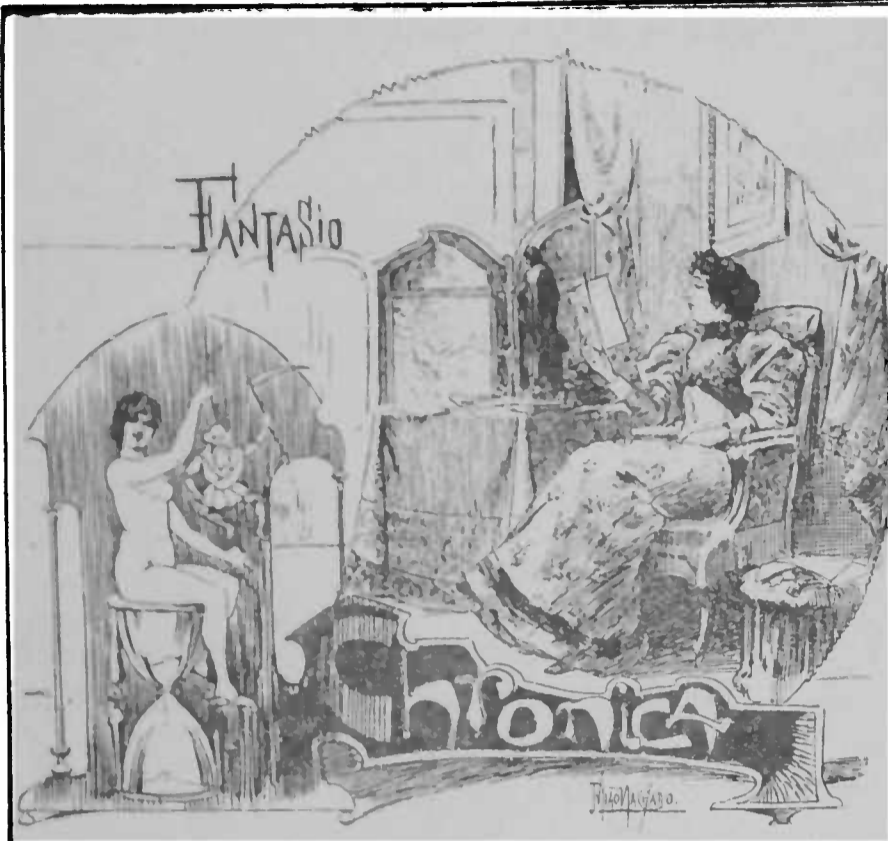
Teixeira de Souza, o nosso distincto companheiro de imprensa, ha tanto tempo affastado do jornalismo escreveu á *Cigarra* uma adoravel carta, acompanhando uns bellos versos. O nosso proximo numero dará carta e versos,—o que com certeza o publico nos agradecerá penhorado.



No passado numero, noticiámos o apparecimento da *Miragem*, romance de Coelho Netto. E já aqui temos um volume do *Rei Phantasma*, do mesmo auctor, editado pelo mesmo Magalhães.

Falta de espaço e de tempo não nos deixa dizer hoje mais longamente do ultimo trabalho do illustre collaborador d'*A Cigarra*.





Como foi mesmo? Não tenho aqui á mão o meu amigo Mello Moraes Filho. Além d'isso, não posso agora deixar o trabalho, e, através da chuva hedionda que cáe, marchar até o Archivo Publico, afim de perguntar a esse paciente investigador das tradições populares do Rio de Janeiro as origens da festa de Nossa Senhora da Gloria.

Como foi mesmo? Ha um romance de José de Alencar em que esse caso é miudamente contado. Mas não é preciso saber como teve origem essa festa genuinamente fluminense a que toda a população carioca fielmente accorre ha meio seculo.

Eu,— carioca como ninguem, e como ninguem amando os usos da minha cidade amada,— fui tambem, na quinta-feira passada, fazer uma visita piedosa á linda capella do Outeiro, toda branca sobre o morro verde, dominando, como uma benção, não só toda a casaria de em torno, como toda a paisagem,— a cidade, os cáes em que os bondes se arrastam, e o largo mar azul, coalhado de navios de guerra e de mercancia, de lanchas, de batelões, de escaleres, e semeado, aqui e alli, de fortalezas e ilhas,— a das Cobras primeiro, depois Willegaignon, a gloriosa!, a Fiscal depois, ostentando (a idiota!) a ignominia da sua architectura disparatada, e, lá para a entrada da barra, a pequena Lage... oh! a grande Lage! a espantosa Lage, senhora ilha do meu especial cuidado, porque n'ella já purguei, durante mezes, **OS MEUS CRIMES POLITICOS** (*)...

Subi piedosamente a ladeira atapetada de folhagens de mangueira. Cá em baixo, no largo, todo afestado de bandeirolas festivas, deixei o coreto garrido, em que uma banda de musica tocava.

De lado a lado da ladeira ingreme, mendigos chaguentos imploravam esmolas. Como é triste ver uma perna engrossada de elephantiasis ou um nariz roido de cancro, n'uma ladeira enfeitada, cheia de povo endomingado, que faz alarde da sua saúde e das suas roupas de luxo!...

Variosromeiros levavam pernas, narizes, braços e cabeças de cêra. Docé usança das *promessas*! Quem soffreu,

(*) Peço ao compositor que escreva isto: *Os meus crimes politicos* — em typo grosso. Eu exijo que a Posteridade saiba que já fui criminoso politico!

leva a Nossa Senhora a memoria dos seus soffrimentos convertida em cêra, que, convertida em vélas, alumiará o altar da Meiga Consoladora, ardendo diante della, como, abrasada de fé, arderia a propria alma do offertante!

A quando e quando, passava por mim uma creança, bem vestida, mas descalça, magoando no cascalho miudo e cortante os pésinhos brancos. Outra sorte de promessa...

Em cima, no adro espaçoso, a multidão se apertava. O mar ao longe, agitado e escuro, roncava. Um céu baixo e negro pairava sobre a ermida,—um céu de chuva. Mas, no alto da torre, o sino grande, circulado de flores, badalava, n'uma grita clara e pausada; e em torno delle, sinos pequenos, como vassallos em torno de um senhor, acompanhavam o seu clamor solemne com um clamor alacre, fino, repetido, alegre, n'um vozear de creanças.

Não sei que doçura me invadio de repente esta alma—tão suja de descrenças e de desesperos!—quando, entrando o portico, me vi dentro da capella; e vi as flores que pendiam da abobada, cobriam os candelabros, guirlandavam as tribunas, e inundavam o pulpito; e vi, dentro de um milhão de luzes, a Senhora Gloriosa, mãos espalmadas para a benção, olhando a multidão que se agitava recolhida, como um oceano mudo...

A chuva cahio. Não quiz o céu, naquella meiga tarde de quinta-feira, que o povo pudesse enxuto prestar homenagem á sua querida Padroeira.

Mas, até dez horas da noite, o povo patinhou na lama, escorregou nas pedras da ladeira, esmagou-se e atropellou-se no adro. E quem passava cá em baixo via agitar-se aquelle mar negro de guarda-chuvas molhados e lustrosos, ondeando, morro acima e morro abaixo, subindo com a ancía de visitar a Milagrosa, ou descendo com o consolo de a ter visto e de ter depositado aos seus pés uma esmola para a sua cêra e uma oração para a sua gloria.

Que é isto? estou ouvindo risadas... E' algum leitor incredulo que chasqueia do meu mysticismo... Ah! ride á vontade! Dentro de um coração de chronista chocam-se absurdamente creanças e descrenças, esperanças e scepticismos, illusões e desillusões. Deus perdoa um seculo de peccados por um minuto de verdadeira fé.

Fantasio.

P. S.—Mot de la fin. Em uma casa de jogo. Meia noite. O banqueiro, talhando as cartas para um novo lance de *baccarat*:

— Pois é como lhes digo! Tive hoje uma grande masada: levei minha mulher á Gloria.

Um ponto, que tem perdido muito, cravando os olhos no banqueiro, com rançor:

— Pudesse eu fazer-te o mesmo, canalha!

F.





ALMA PRIMITIVA

Do bello livro de Magalhães de Azeredo *Alma Primitiva*, agora exposto á venda pelos editores Cunha & Irmão, e que *A Cigarra* vivamente recommenda aos seus leitores, des tacamos o seguinte trecho, que é do formoso conto *Ashavero*:

« E sorria-lhe, então, no futuro, atravez das lagrimas da nostalgia, o regresso á terra natal, o regresso triumphante e glorioso, realçado pelos esplendores da fortuna, nobremente conquistada, á força de privações e sacrificios... Por isso, á hora das despedidas, quando um cardume de barcos multicores cercava ainda o *Aventuriere*, na enseada placida de Genova, um *sursum corda* de inexpugnável esperança lenia as maguas do adeus e as sombrias apprehensões do exilio.— Voltai depressa! voltai depressa! — era a phrase repetida em todos os tons pelos que ficavam. E os que iam partir respondiam:— Sim, sim, voltaremos! — Clarões de ternura e confiança rutilavam em todos os olhares; e só rapazinhos imberbes, tímidos, apartando-se das mãis desoladas, choravam amargamente como ellas.

Na prôa, entre saccos de provisões, malas velhas, caixotes de pinho, velas estendidas, cestos de fructas, a multidão se agitava. Era uma tagarellice constante, um alarido infatigavel, que um dos officiaes, moço bem educado, de sociedade fina, declarava positivamente de máo gosto e baixos costumes. Uma Babel! uma Babel! — resmungava, irritado nos seus habitos de discreção aristocratica. Os emigrantes riam alto, trocavam grosseiros remoques e amabilidades rusticas; jogavam cartas e moedas; de quando em quando, uma canção patriótica, vibrante de enthusiasmo juvenil, dominava os rumores confusos:

Addio, Italia, addio!...

Ou leves trovas castelhanas soavam, gorgeadas por uma trigueira *manola* perdida de paixões, vertendo pelo ambiente effluvios de ternura:

Dejame pasar, que voy
A buscar la agua serena,
Para lavarme la cara,
Que han dicho que soy morena...

Rixas rebentavam ás vezes, por questões de jogo ou de mulheres; um calabrez mal encarado e rusguento chegou a puxar o punhal contra um fraco menino de quinze annos, por uns miseraveis soldos perdidos na *testa o croce*. Mas o commandante interveio, severo e decidido:—Cuidado! mando-te para o porão, a ferros!—E taes casos não succederam mais.

Ao anoitecer, iam expirando pouco a pouco as vozes; a mesma tristeza calada e recolhida cahia sobre todos. Pungia-os mais viva, mais profunda, a recordação da patria, da aldeia distante, das searas louras, do campanario natal, d'onde, a essa hora, o sino plangente chamava os fieis ás preces da tarde e do cemiterio antigo, em cujo solo repousavam, sob cruces singelas vestidas de musgo e flores, as cinzas dos pais e avós... Emigrantes, marujos, officiaes, se ajoelhavam em torno do capellão, ante a imagem da *Maler dolorosa*, padroeira celeste do navio; e a Ave-Maria, cantada melancolicamente, interrompida pelo pranto das mulheres, acompanhada pelo sussurro longo e monotono das aguas, subia até o firmamento tranquillo, levando a Deus, nas azas da oração, ao impulso da mesma saudade religiosa, todas aquellas almas errantes pelo oceano intermino...

E a noite descia, cheia de sombras e de scismas. Tudo era em paz. Alguns, encostados á amurada, fumando, falando baixinho, contemplavam as vagas, que ennegreciam, e ao mesmo tempo se impregnavam de uma phosphorescencia azulada e tremula.

Dez horas. De prôa a pôpa, de pôpa a prôa escutavam-se, pausados e regulares, os passos do official de quarto. Nos recantos obscuros, apenas se percebiam raras conversas, murmúrios submissos; ás vezes, um choro de criança, que se acalmava lento e lento; ás vezes, tambem, um suspiro forte, de coração que transborda...

O official de quarto ia e vinha, de pôpa a proa, de prôa a pôpa.

Addio, Italia, addio!...

cantava uma voz juvenil... E o official tinha um sorriso nostalgico, rememorando a sua velha Parthenope... O' sonoras ondas de Sorrento! ó laranjaes floridos de Ischia!...

A *manola*, perdida de paixões, modulava sentimentalmente — em sonho ou acordada? —

Dejame passar, que voy
A buscar la agua serena...

E o official regosava as suas orgias de moço em Sevilha, ao estalar das castanholas, aos accordes voluptuosos das *seguidillas* e *malaguenas*, e não sabia o que mais o havia embriagado, se os copitos de Xerez que emborcára, se os galanteios de uma *senorita*—braços de marfim, cintura de vespa—tão seductora a dansar o *bolero*... E, ao voltar, ouvia ainda:

Para lavarme la cara,
Que han dicho que soy morena!

De prôa a pôpa, de pôpa a prôa...



REPORTAGEM LITTERARIA

Adolpho Caminha, que, logo que appareceu nas letras, conquistou um bello nome com o seu romance *A Normalista*, acaba de publicar, em bello volume impresso na Aldina, as suas *Cartas Litterarias*. N'esses artigos, publicados, não ha muito, nas columnas da *Gazeta* e do *Pais*, o illustre moço, que já tão fino romancista se revelára, revela-se crítico de rara precisão de vista, independente e sincero, aparelhado de conhecimentos serios. O volume das *Cartas Litterarias* nos vem ter ás mãos, quando este numero d'*A Cigarra* vae entrar para o prélo. Por isso é que só podemos dizer delle em meia dúzia de linhas, e recommendal-o — a quantos se interessam pelo movimento litterario de hoje no Brasil. Este é o summario do brilhante livro: *Novos e Velhos, Protectorado de Midas, Emile Zola, Naturalismo ou Cosmopolitismo? A Fôrma, Coelho Netto, Em defesa propria, Fialho de Almeida, Pruga, Musset e os Novos, Uma estreia ruidosa, Norte e Sul, Fome, Editores, A Padaria Espiritual, Lupe, O Indianismo, Poeta e Chromsta, A Sombra de Molière, Entre Parenthesis, Pseudo-theatro, Os Oscuros*.

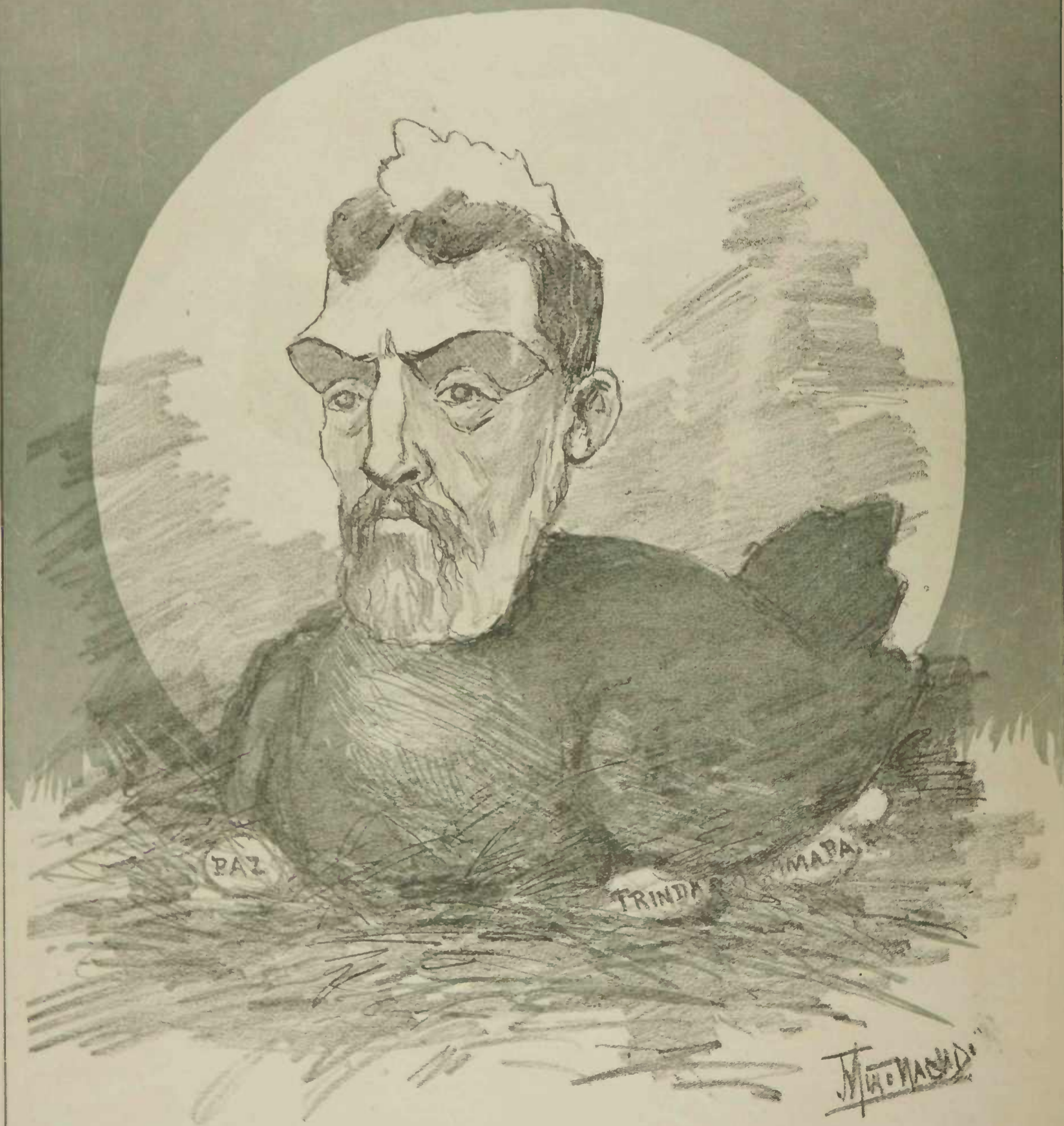


A Cigarra não quer deixar de saudar a *Gazeta de Noticias* pela publicação d'*O Defunto* de Eça de Queiroz. Que novella! Nunca o poderoso mestre d'*Os Maias* e do *Crime do Padre Amaro* produziu trabalho de tamanha sobriedade de estylo, de tão espantoso vigor de descripção, e ao mesmo tempo de tão fina subtileza artistica.

Em outro qualquer meio que não o nosso, a publicação d'*O Defunto* faria um successo ruidosissimo. Mas o Rio de Janeiro está unicamente preocupado com companhias de seguros e outras questões igualmente chulas...

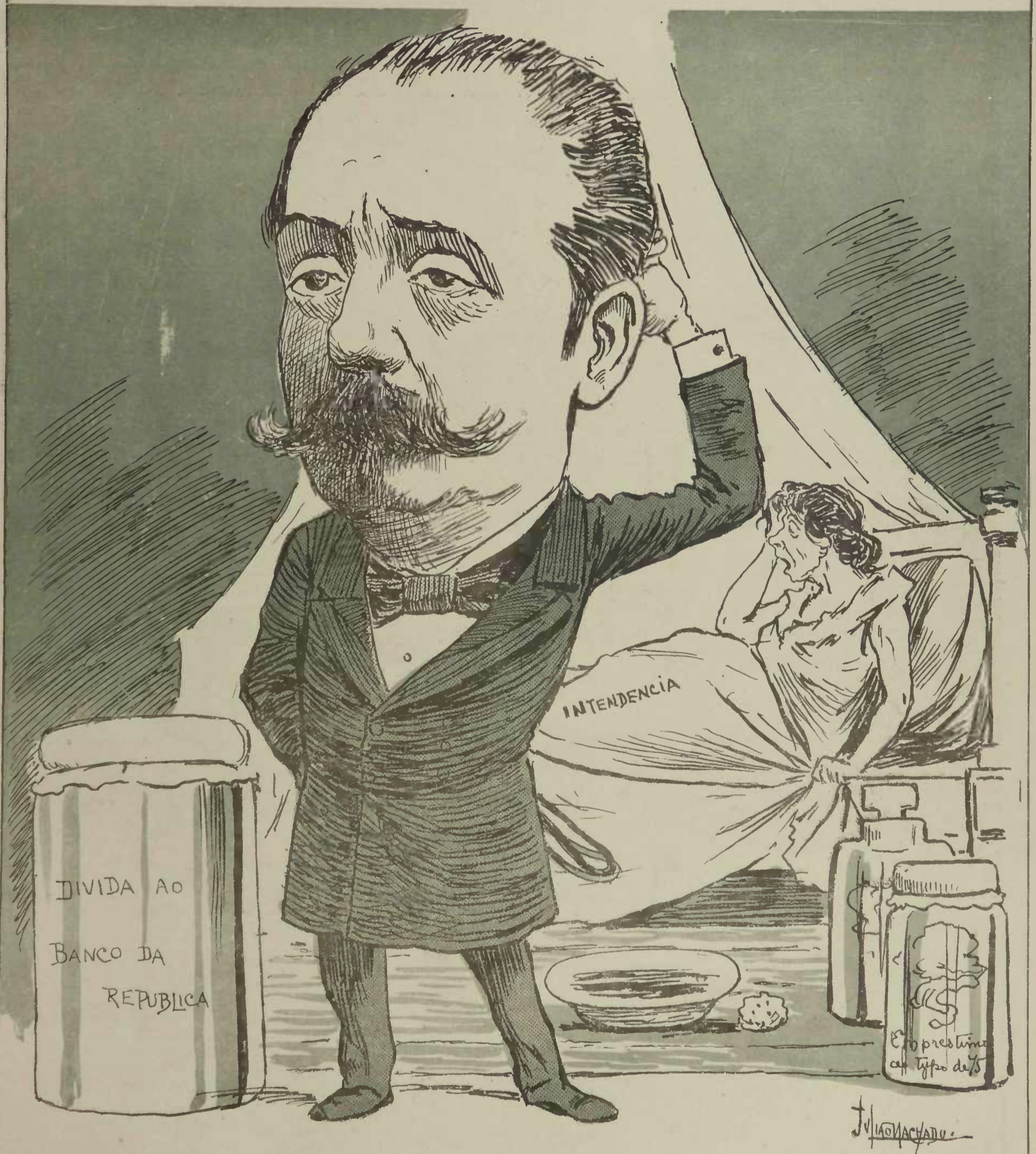
Felizmente a *Gazeta de Noticias* reage contra isso. D'aquellas columnas, pôde-se dizer, tem sahido todo o trabalho litterario actual. O livro de Magalhães de Azeredo, *Alma Primitiva*, agora apparecido, foi todo inserido em primeira mão pela *Gazeta*. Lá tiveram tambem a sua primeira impressão quasi todas as *Cartas Litterarias* de Adolpho Caminha.

NO CHÔCO



GORARÃO OU NÃO GORARÃO ?

AS DORES DA INTENDENCIA



MUITO PERFEITO COMO PARTEIRO, MAS POUCO PARTEIRO COMO PREFEITO

Pouco depois de terminada a publicação do romance de Julia Lopes de Almeida *A Viuva Simões*, deu-nos a *Gazeta O Defunto*, e, agora, começa a deliciar-nos com *Céga*, novella de Coelno Netto.

A' grande folha da manhã, que nunca regateiou apoio e remuneração aos homens de letras, felicita *A Cigarra*.
Que teremos depois de *Céga*?



Ora, vamos ao rei da Suecia e Noruega! Stokolmo dirá quaes os limites das possessões francezas e das brasileiras no extremo norte.

Eu, por mim, confesso que este officio de rei, com todas as suas formidaveis prebendas, não me servia. Porque imaginem os senhores que pavorosa situação é actualmente a situação de Sua Magestade Suéca: obrigada a estudar cousas do Amapá, de que provavelmente nunca ouviu fallar.—Que vem a ser Amapá? dirá Sua Magestade. E, logo depois, com um gesto de enfado: —Que caceteação!

Quanto ás outras contas que temos a ajustar com a França parece que não serão decididas tão cedo. E, quem sabe? talvez fiquem para as Kalendas gregas. Os assassinos de Brasileiros, em Counany, vão ser submettidos aos tribunales militares da sua patria: e antes da decisão d'esses tribunales, dizem, a Republica Franceza não attenderá a nenhuma das nossas reclamações.

X

Muito bem. Só tenho uma duvida a esse respeito.

Quando, aqui ha tempos, Buette e outro francez foram fuzilados no sul por ordem de auctoridades brasileiras, a França cahio sobre nós com uma fome notavel de milhões de francos. E não quiz saber de historias. Não quiz esperar que o sr. Moreira Cezar e os outros fossem submettidos a processo militar...

Verdade é que, se a França fosse esperar por isso, esperaria talvez até a consumação dos seculos. Mas, emfim, que diabo! não lhe custava nada esperar... As nações, como os homens, vivem principalmente de esperanças. Quem espera sempre alcança.

Mas, a amiga França não quiz saber de esperanças. Acha que esperanças são boas para nós,—povo de confiados, de resignados, de pacientes.

Vamos esperar!

X

Quanto á Trindade, já se sabe que o governo inglez não nol-a quiz surripiar. Não! a encantadora Inglaterra continúa a ser a nossa boa amiga de sempre!

O que ella quiz foi simplesmente estabelecer alli uma vulgar e modesta estação telegraphica. Mais nada. Não ha de ser por causa de tão pequena cousa que mandaremos o *Aquidabán* bombardear a Inglaterra, nem que a Inglaterra mandará a *Beagle* bombardear o Rio de Janeiro.

Em todo o caso, creio que as cousas vão bem. Sabeis porque? Porque s. ex. o sr. ministro das relações exteriores, supremo arbitro d'estas graves cousas internacionaes, ainda ha poucos dias offereceu a todo o ministerio um lauto banquete. E quando os donos da casa folgam, podem os inferiores dormir em paz, porque com certeza não ha mouro na costa.

D'esse banquete não deu a imprensa noticia minuciosa. Não se sabe se foi jantar de «muita vacca e riso» no dizer de Bartholomeu dos Martyres, ou se foi banquete severo, em que, nos intervallos dos pratos, se liam relatorios e se conjuravam crises e se lembravam meios seguros de salvar a patria. Também não se sabe se o amigo Phipps, ministro inglez compareceu a esse ágape ministerial, que, infelizmente, se revestiu de um carater intimo.

X

Intimo porque? Um ministro é um homem publico. Não pôde ter segredos, nem mesmo jantando. Eu, com a minha curiosidade irrequieta de néolatinho, tenho o direito de querer saber que peixe comeu o sr. ministro, e com que molho o comeu, e com que vinho o regou, e com que qualidade de champagne corou o seu mysterioso repasto. Também quero saber que brindes houve, se alguém bebeu á saúde do amigo Phipps, ou do amigo Salisbury, ou da amiga Victoria.

Ministro é homem publico; a sua sala de jantar, como a sua secretaria, deve ficar aberta ás vistas do povo. Basta de tyrannia! Oitenta e nove egualou os homens. Arre!

X

Sobre politica, não houve nada mais, n'estes ultimos sete dias, que tenha feito jús a menção especial. Ah! esquecia-me...

O negocio da faixa presidencial tem dado panno para... faixas. *A Gazeta*, n'uma chronica de *Reporter*, attribuiu ao sr. Zama a auctoria de um projecto estabelecendo para o chefe do Estado insignias muito mais complicadas que uma simples fita auri-verde. Tratava-se alli de casaca de rabo vermelha e verde, sapatinhos de setim de varias cores, salvas de artilharia, farandólas, gyrandolas, o diabo! O sr. Zama arrepejou-se, e veio gritar que isso era um desaforo. E disse mais, á *Gazeta* e a todos os seus reporters:

Com isto só conseguistes um fim: privar a Republica de meu concurso em lei de tamanha importancia. Não apresentarei, pois, substitutivo algum, como allás era minha intenção. Será o castigo de vossa reportagem, á qual deveis recomendar mais criterio.»

Pois, senhores! a minha opinião é que a *Gazeta* prestou á causa dos que querem faixa um serviço assignalado.

Porque o dr. Zama gosta tanto de fazer pilherias, e as faz tão formidaveis de graça, que a *Gazeta*, privando s. ex. de apresentar um substitutivo verdadeiro, salvou a ideia: com certeza, o sr. Zama ia apresentar um substitutivo ainda mais engraçado que o que *Reporter* imaginou.

L. F.



THEATROS

Que é que ha, do *Lyrice* ao *S. Pedro* e do *Variedades* ao *Eden*?

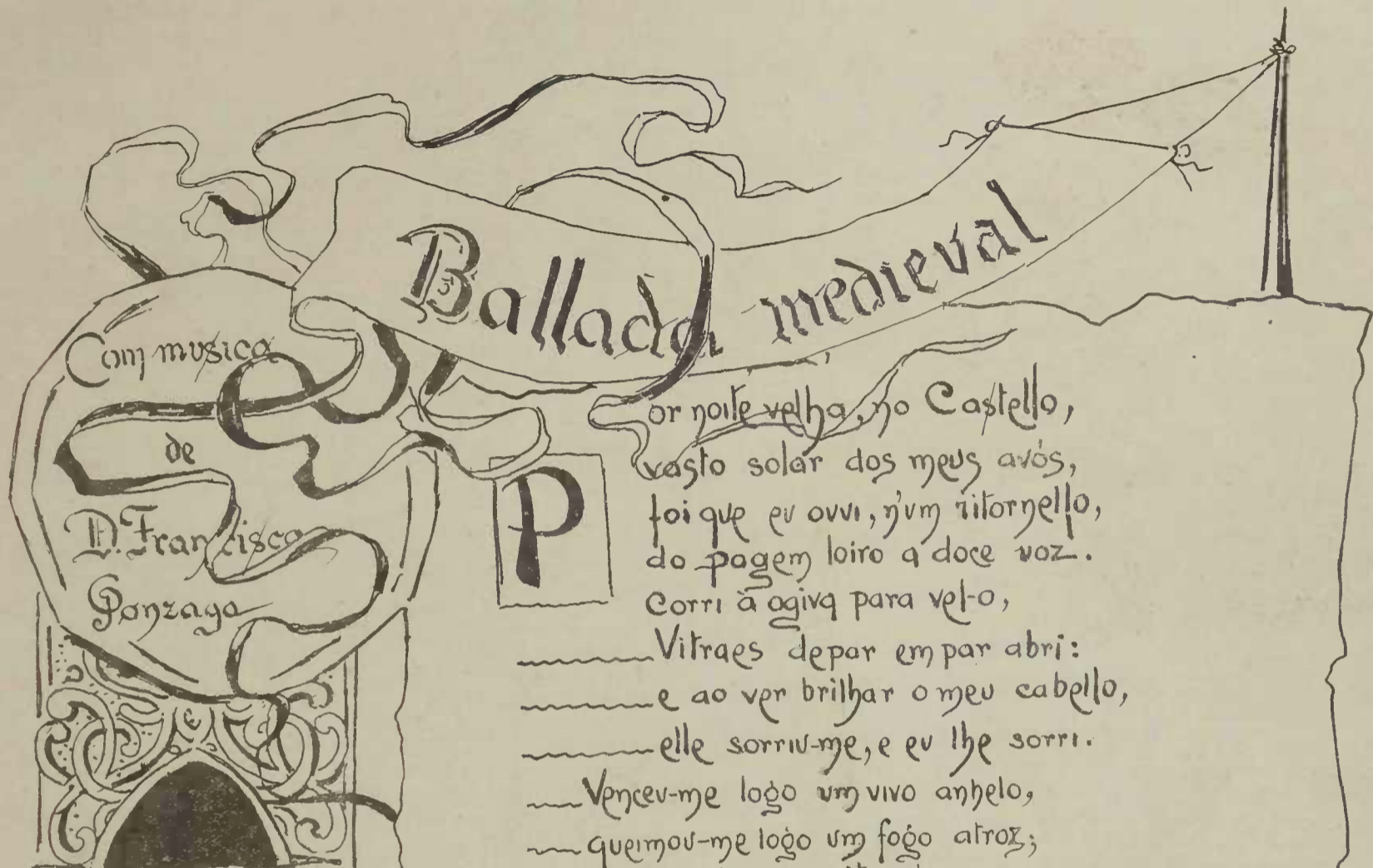
A mesma cousa: Frégoli, Porcos, Souza Bastos, palhaços, operetas e mais nada.

De maneira, que eu bem podia supprimir hoje esta secção, e em vez de aqui vir para o rabiscamento destas linhas, ir ao *Pascoal* para o escorruptamento de um *cok-tail*...

Mas, se não apparecesse aqui a secção theatral, o Manoel Ribeiro bradaria que estou roubando o publico. E, pois, não dizendo nada, digo tudo.

E' verdade... Ia-me esquecendo de felicitar o estudioso actor Corrêa pelo seu beneficio no *Apollo* com a *Mascotte*. Sim, senhor! bem mereceu os applausos que lhe deram.

Buch.



Por noite velha, no Castello,
 vasto solar dos meus avós,
 foi que eu ouvi, n'um ritornello,
 do pagem loiro a doce voz.
 Corri á ogiva para vel-o,
 Vitraes depar em par abri:
 e ao ver brilhar o meu cabelo,
 elle sorriu-me, e eu lhe sorri.
 Venceu-me logo um vivo anhelô,
 queimou-me logo um fogo atroz;
 e toda a longa noite velo,
 pensando em vel-o e ouvi-o a sós.
 TRISTE, sentada no escabello,
 Só com a aurora adormeci...
 Sonho, e no sonho, haveis de crêl-o?
 Inda o meu pagem me sorri!
 Seguindo a amal-o com disvelo,
 por noite velha, um anno após,
 termina emfim o meu flagello,
 felizes fomos ambos nós...
 Como isto foi nem sei dizel-o!
 No collo seu desfalleci.
 E alta manhã, no seu morzello
 o pagem fuge... e inda sorri!
 Dias depois, do pagem bello,
 — Juncto ao solar onde eu o ouvi,
 ao golpe horrivel do cutello
 rola a cabeça — e inda sorri!

FILINTO D'ALMEIDA.



A CIGARRA E A POLICIA



A Cigara teve na terça feira a surpresa de ver entrar no seu escritório um farriqueiro de policia que veio inquirir dos seus habitos - a menina joga? perguntaram-nos.



E como a nossa negativa não os convenceu deram busca ás gavetas, ás cadeiras, á mobilia inteira em presenca d'um pequeno moço que foi des- cuberto sobre este dialogo que oprotuzimos fielmente. - Seu diabo d'isto e aquilo? - Não sei... ah! para! É a caixa do violão.



Como não encontrou de suspeito (a não ser a caixa do violão) a autoridade que tem o dever de nunca se comover da simplicidade dos costumes dos que lhe são suspeitos - para maior segurança decretou que a venda da Cigara seria feita por um dos seus representantes -

M. M. M. M. M.